

O Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro: um espaço para a ciência médica Oitocentista

The Royal Portuguese Cabinet of Reading: a space for medical science in the 19th century

DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-463320161410>

Monique de Siqueira Gonçalves

Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro – RJ, Brasil
monique.eco@gmail.com

Tânia Bessone

Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro – RJ, Brasil
bessone@uol.com.br

Resumo: Apresentamos, neste artigo, uma análise sobre o papel exercido pelo Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, durante a segunda metade do século XIX, no tocante à reunião e à guarda de livros de ciência médica. Com a análise dos livros que compõem o Catálogo organizado por Ramiz Galvão, publicado em 1906 (que reúne o acervo constituído pela instituição desde o ano de 1837), objetivamos compreender qual era a importância relativa do acervo de ciência médica, identificado em meio ao acervo geral do Real Gabinete Português de Leitura, e se esse era atualizado e relevante mediante o contexto de constituição do campo médico-científico no Brasil. Assim como, por meio de seu estudo detalhado, intentamos saber qual era o idioma preponderante das obras e a que público-alvo se direcionavam, e se a sua guarda se coadunava com o perfil da instituição de preservação de uma cultura lusófona.

Abstract: This work presents an analysis on the role of the Royal Portuguese Cabinet of Reading during the second half of the 19th century regarding the collection and

safekeeping of medical science books. By analyzing the books contained in the 1906 catalog by Ramiz Galvão (consisting of the institution's collection since 1837), we intend to understand the relative importance of the medical science collection found in the general collection of the Royal Portuguese Cabinet of Reading, and whether it was updated and relevant amidst the constitution of Brazil's medical science field. It is also intended to discover the preponderant idiom among its works and at which target audience they were aimed at, therefore, whether its guard matched the institution's outline of lusophone culture preservation.

Palavras-chave: Real Gabinete Português de Leitura, História do livro e da leitura, História da medicina.

Keywords: Royal Portuguese Cabinet of Reading, History of books and Reading, Medical history.

Apresentação

Desde a transferência da Corte para o Rio de Janeiro, em 1808, deu-se início à construção de um aparato institucional de cunho cultural/científico na cidade, com o intento inicial de reconstruir na nova sede da Coroa o ambiente cosmopolita lisboeta. Foram as primeiras ações nesse sentido representadas pela criação, por decreto, de instituições como a Real Biblioteca¹, o Real Horto² e a Escola Anatômica, Cirúrgica e

¹ Criada por decreto real de D. João VI, em 1810, passou a ser denominada Biblioteca Imperial e Pública em 1822 e, em 1876, Biblioteca Nacional. Ver: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002; BETTIOL, Maria Regina Barcelos. A fundação da Biblioteca Nacional: uma memória compartilhada entre dois mundos. *Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul* Disponível em: <<http://www.ihgrgs.org.br/artigos/contibuiacoes/Maria%20R.%20B.%20Bettiol%20-%20A%20Funda%C3%A7%C3%A3o%20da%20Biblioteca%20Nacional.pdf>>. Acesso em: 15/12/2016.

² Denominações: Real Horto (1808); Real Jardim Botânico (1818); Jardim Botânico da Lagoa Rodrigo de Freitas (1825); Jardim Botânico (1833); Jardim Botânico do Rio de Janeiro; Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro (1998). Fonte: Horto Real. *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Disponível em: <<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/jbotrj.htm>>. Acesso em: 15/12/2015. Sobre este assunto ver também: DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol. O Jardim Botânico do Rio de Janeiro. In: DANTES, Maria Amélia Mascarenhas. *Espaços da Ciência no Brasil. 1800-1930*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2001. p. 27-56.

Médica do Rio de Janeiro³, todas no mesmo ano de chegada da família real. Tal esforço se estenderia e se intensificaria na capital nos anos subsequentes com a fundação, em 1818, por decreto de D. João VI, do Museu Real e na transformação da Escola em Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, na década de 1830. Outras iniciativas particulares também seriam relevantes nesse processo de constituição de um aparato institucional de caráter cultural no Rio de Janeiro, no período anterior e pós-independência, dentre as quais destacamos: o Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (1838), a Biblioteca da Associação "Germania" (1821), o Gabinete Inglês de Leitura (1826), o Real Gabinete Português de Leitura (1837), a Biblioteca Fluminense (1847) e a Biblioteca da Imperial Associação Tipográfica Fluminense (1854), somente para citar alguns desses empreendimentos.

Conforme destaca DeNipoti⁴, tais iniciativas vinculavam-se, sobretudo, a um processo mais amplo de definição da identidade nacional, que deveria estar vinculada a uma ideia de civilização ocidental e informada pela noção de progresso. Dessa forma, as bibliotecas cumpririam, de acordo com este autor, a função de "redentoras" de uma sociedade em processo de modernização de seus espaços públicos⁵, visto que, por sua documentação, esquadrihavam uma forma de civilização ao mesmo tempo que visavam delimitar papéis sociais.

Outros empreendimentos de feição cultural/comercial, desde o final da década de 1820 e início dos anos 30, também proporcionavam aos letrados que moravam ou passavam pela cidade o acesso a livros e periódicos de procedências diversas e a preços

³ Denominações: Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro (1808); Academia Médico-Cirúrgica do Rio de Janeiro (1813); Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1832); Faculdade de Medicina e Farmácia do Rio de Janeiro (1891); Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1901); Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro (1920); Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil (1937); Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1965). Fonte: Escola Anatômica, Cirúrgica e médica do Rio de Janeiro. *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Disponível em: <<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/escancimerj.htm>>. Acesso em: 15/12/2015. Sobre este assunto ver também: DANTES, Maria Amélia Mascarenhas. Fases da implantação da ciência no Brasil. *Quiju*, México, v. 5, n. 2, p. 265-275, 1988; FERREIRA, Luiz Antonio; FONSECA, Maria Rachel Fróes da; EDLER, Flavio Coelho. A Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no Século XIX: a organização institucional e os modelos de ensino. In: DANTES, Maria Amélia Mascarenhas (Org.). *Espaços da ciência no Brasil. 1800-1930*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2001. p. 59-79.

⁴ DENIPOTI, Cláudio. Normas e gestualidades da leitura em bibliotecas brasileiras do século XIX. *Cultura – Revista de História e Teoria das Ideias*, Lisboa, vol. 25, p. 235-252, 2008.

⁵ Sobre o processo de constituição dos espaços públicos no Brasil, na primeira metade do século XIX, ver: MOREL, Marco. *As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na cidade imperial (1820-1840)*. São Paulo: Hucitec, 2005.

"módicos", figurando entre eles: o Gabinete português e francês de Mongie⁶, o Gabinete português e francês de Crémière⁷, o Gabinete francês de Dujardin⁸, o Gabinete português e francês de Piacentini⁹, entre outros. Tais estabelecimentos se assemelhavam aos tradicionais gabinetes de leitura inglês e francês que tinham o traço comum de serem espaços de caráter, ao mesmo tempo, comercial e cultural, já que possibilitavam aos seus subscritores a leitura e/ou a locação de livros e periódicos sem a necessidade de compra¹⁰. Conforme destaca Soares, as primeiras "bibliotecas circulantes" fixadas no Rio de Janeiro, de proprietários franceses, datariam da primeira metade do século XIX, dentre as quais, uma das mais conhecidas era a Casa do Livro Azul¹¹, que funcionara de 1828 a 1852, e onde os clientes poderiam comprar, trocar ou alocar livros pagando uma taxa de "80 réis por dia e, por mês 2.000 réis"¹².

Já em meados do século, de acordo com Alessandra El Far, enquanto uma edição bem cuidada da Garnier ou dos irmãos Laemmert custava entre 3 e 5 mil réis (variando de acordo com o número de páginas e gênero), as obras da Livraria do Povo (em brochura) variavam de 100 a 2 mil réis. Em contraposição, um trabalhador especializado ganhava por uma diária de serviço, em média, 3.300 réis, enquanto um trabalhador sem especialização recebia 1.400 réis; e o salário de funcionários públicos

⁶ Louis Mongie era dono da principal livraria da Rua do Ouvidor, segundo Joaquim Manoel de Macedo, tendo atuado nessa rua no nº 91 (depois renumerado como 87), de 1832 até a sua morte em 1853. Seria de Mongie também a segunda livraria carioca a possuir um gabinete de leitura. In: HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: Edusp, 2005. p. 153.

⁷ A partir do leilão feito por Carlos Taniere, do Gabinete de Leitura de Justino Vitor Crémière (localizado na sua casa, na Rua da Alfândega, n. 135), após a morte do seu dono, em 2 de outubro de 1851, pode-se ter ideia de um negócio dessa natureza. Constavam, entre os bens leiloados e arrematados por Eduardo Augusto Ribeiro e Henrique da Luz Ayres, que mantiveram o gabinete aberto: "um gabinete de leitura composto de livros em português, francês, espanhol e inglês, dramas e novelas em folha, ditos em brochuras, 2 balcões, 3 vidraças, 1 escrivaninha, prateleiras e armários" (*Jornal do Commercio*, 02.10.1851, p. 3), além de uma tipografia (que fora vendida em conjunto).

⁸ Livraria belga-francesa de Désiré Dujardin, localizada na rua do Ouvidor, nº 105. Fonte: *Almanak Administrativo, mercantil e Industrial do Rio de Janeiro*, 1850. Disponível em: <memoria.bn.br>. Acesso em 15/12/2015.

⁹ Joaquim Antonio Piacentini. Fonte: *Almanak Administrativo, mercantil e Industrial do Rio de Janeiro*.

¹⁰ SOARES, Maria Angélica Lau Pereira. *Visão da modernidade. A presença britânica no Gabinete de leitura (1837-1838)*. Dissertação (Mestrado em Estudos linguísticos e literários em inglês). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

¹¹ A Casa do Livro Azul funcionou de 1828 a 1852, tornando-se o sebo mais conhecido da rua do Ouvidor, que vendia, comprava, trocava e alugava livros, recebendo em comissão também obras novas. Seu proprietário era o francês Albin Jourdan (abrasileirado para Albino Jordão). Fonte: HALLEWELL, Laurence. Op. Cit., p. 127. Os livros em língua portuguesa eram sempre o destaque dos anúncios da Casa do Livro Azul (localizada na Rua do Ouvidor, nº 121) que, nos diversos anúncios publicados nas páginas do *Jornal do Commercio*, até 24 de dezembro de 1851, sublinhava a venda de livros escritos em português ou traduzidos para o português sobre comércio, direito, história, filosofia e medicina, além de romances e novelas.

¹² *Jornal do Commercio*, 23/12/1835 Apud SOARES, Op. Cit., p. 20.

variava de 60 mil réis a 100 mil réis por mês¹³. Tais cifras evidenciam que existia, entre a pequena população de alfabetizados da Corte, uma parcela significativa de potenciais compradores ou "alugadores" de livros, que justificava a existência crescente de instituições dessa natureza na cidade, ao longo do Oitocentos.

Além do mais, tanto por agregar uma significativa parcela de consumidores de impressos, como por atuar como a sede econômica do país, a capital se consolidaria, ao longo do século XIX, como o principal porto de entrada de impressos do Império, estando estabelecidos na cidade também o maior número de livreiros, editores e mercadores de livros de todo o país¹⁴. As principais ruas do centro da cidade passariam, paulatinamente, a ser povoadas por uma grande oferta de impressos, vendidos por mercadores de livros ou alfarrabistas que ofertavam toda espécie de gênero literário, fazendo com que, segundo Alessandra El Far¹⁵, dificilmente um leitor voltasse para a casa de mãos vazias, haja vista a grande oferta de livros para todos os gostos e bolsos.

Importante destacar que tal comércio seria incentivado, sobretudo, pela concentração de uma elite intelectual e política no Rio de Janeiro, cuja mola propulsora se encontrava tanto na centralização da burocracia imperial na cidade, como na existência de instituições como a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, responsável pela formação de muitos filhos da elite política, econômica e cultural de todo o Império.

Para aqueles que não dispunham de significativa soma mensal para adquirir seus livros nas afamadas prateleiras da rua do Ouvidor, era possível comprar obras usadas entre os alfarrabistas localizados nas ruas vizinhas, ou mesmo trocar ou alugar impressos a baixo custo nas "bibliotecas circulantes" ou gabinetes de leitura, de cunho comercial. Ainda para aqueles que dispunham de razoável quantia, seria possível se associar aos gabinetes formados inicialmente por círculos de emigrados como o

¹³ EL FAR, Alessandra. Ao gosto do povo: as edições baratíssimas de finais do século XIX. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (Orgs.). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora Unesp, 2010. p. 89-99.

¹⁴ Ver: FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz. *Palácios de destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro (1870-1920)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997; HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: Edusp, 2005; BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (Orgs.). *Impresso no Brasil*. São Paulo: Ed. Unesp, 2010; GONÇALVES, Monique de Siqueira. Livros, teses e periódicos médicos na construção do conhecimento médico sobre as doenças nervosas na Corte Imperial (1850-1880). In: FERREIRA, Tania B. C; RIBEIRO, Gladys S.; GONÇALVES, Monique de S. (Orgs.). *O Oitocentos entre livros, livreiros, impressos missivas e bibliotecas*. São Paulo, Ed. Alameda, p. 59-87, 2013.

¹⁵ EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação*. Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924). São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Gabinete Português de Leitura¹⁶, a Biblioteca da Associação “Germania” e o Gabinete Inglês de Leitura. Além disso, haveria a possibilidade de acessar as obras desejadas por meio de bibliotecas públicas como a Biblioteca Nacional, a Biblioteca Fluminense ou ainda através das bibliotecas especializadas, a exemplo das bibliotecas da Faculdade de Medicina, da Escola Politécnica, do Exército e da Marinha.

Já na segunda metade do século do Oitocentos, os letrados do país encontravam tanto nas livrarias, nos gabinetes de leitura comerciais e de associações, como nas bibliotecas públicas, ambientes de sociabilidade em que o gosto pela leitura conferia aos seus frequentadores *status* elevado mediante uma sociedade altamente hierarquizada. As tipografias e as redações de jornais também cumpriam esse papel (somadas a ambientes como cafés e boticas), reunindo grupos de homens de letras que, circulando nesses espaços, se inseriam em fechadas redes clientelares a fim de adquirir prestígio através do estreitamento de laços afetivos, políticos e profissionais com os demais frequentadores¹⁷.

De maneira geral, acreditamos que as iniciativas de natureza institucional, colocadas em prática progressivamente, mas de forma descontínua e não ordenada – seja pelo Estado ou por grupos e/ou indivíduos *pertencentes à sociedade civil* – se davam no sentido de conformar na cidade do Rio de Janeiro, enquanto capital, um aparato institucional, de cunho cultural, que proporcionasse à pequena parcela da população alfabetizada, o acesso a leituras variadas e atualizadas, sobre os mais diversos assuntos¹⁸. A ciência médica seria, pois, um dos temas privilegiados por estes acervos, de acordo com as pesquisas realizadas por nós, principalmente porque se estabelecera na cidade a primeira Faculdade de Medicina do Império (criada em 1808)

¹⁶ Nas páginas do *Almanak Laemmert* de 1850 a 1873 é anunciado, pelo Gabinete Português de Leitura, que a anuidade custava 12 mil réis, constando ainda, a partir de fins dos anos 1860, a possibilidade de pagar 7 mil réis por seis meses. O valor de 12 mil réis anuais era o mesmo cobrado aos associados pela Biblioteca Fluminense.

¹⁷ FERREIRA, Tania Maria Tavares Bessone da Cruz. As bibliotecas públicas cariocas no século XIX. In: INTERCOM, 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP4FERREIRA.pdf>. Acesso em: 20/06/2013.

_____. O que liam os cariocas no século XIX? In: *XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 2005. Disponível em: <http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/17536/1/R2053-1.pdf>. Acesso em: 02/06/2011.

¹⁸ Sobre este assunto ver também: GONÇALVES, Monique de Siqueira. Livros de ciência médica na Biblioteca Nacional: o acervo sobre as doenças nervosas (1860-1880). *História Unisinos*, São Leopoldo/RS, 18(1), p. 146-157, 2014.

e os alunos careciam de meios alternativos para obterem os conhecimentos necessários à sua formação, haja vista o alto preço dos livros.

Outra razão para o incremento do acervo relativo à medicina seria a crescente procura pelos manuais de medicina popular¹⁹ – que circularam no Brasil desde a primeira metade do século XIX e com mais intensidade a partir dos anos de 1850 devido à erupção dos surtos epidêmicos de febre amarela e cólera –, pois possibilitavam o auto tratamento e a terapêutica de parentes, agregados e até mesmo dos escravos que serviam à família²⁰.

Assim, intentamos apresentar as reflexões realizadas sobre o papel do Real Gabinete Português de Leitura em um contexto de construção e expansão de um aparato cultural/científico na cidade do Rio de Janeiro. Pretendemos, igualmente, enfatizar o acervo relacionado à ciência médica encontrado nos catálogos da instituição que, se em meados do século possuía cerca de 16 mil volumes, no fim do Império já contaria com acervo estimado em 50 mil volumes, figurando entre as principais bibliotecas do Império²¹. Segue abaixo o crescimento do acervo.

Tabela 1 - Acervo do Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro (1850-1881)

Ano	Acervo	Diretores
1850	Cerca de 16.000 vols.	Dr. Adolpho Manoel Victorino da Costa
1851	Cerca de 18.000 vols.	Idem
1852	Cerca de 20.000 vols.	Idem
1853	Cerca de 22.000 vols.	Idem
1854	Cerca de 25.000 vols.	Idem
1855	Cerca de 27.000 vols.	João Henrique Ulrich
1859	Cerca de 30.000 vols.	Dr. José Pedro da Silva Camacho
1860	Cerca de 32.000 vols.	Idem

¹⁹ Eram numerosas as propagandas de venda de manuais populares de medicina, nos principais jornais diários da Corte, como o *Jornal do Commercio* e o *Correio Mercantil*.

²⁰ FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. Os manuais de medicina e a circulação do saber no século XIX no Brasil: mediação entre o saber acadêmico e o saber popular. *Educar*, Curitiba, n. 25, p. 59-73, 2005.

²¹ Só a partir de 1850 começaram a ser publicadas as quantificações do acervo do Real Gabinete Português de Leitura no *Almanack Laemmert*.

1861	Cerca de 32.000 vols.	José Peixoto de Faria Azevedo
1862	Cerca de 32.000 vols.	Idem
1864	Cerca de 35.000 vols.	Idem
1865	Cerca de 40.000 vols.	Idem
1867	Cerca de 37.000 vols. de 16.500 obras	José Pereira Soares
1870	Cerca de 42.000 vols. de 18.000 obras	Manoel José Gonçalves Machado Júnior
1873	Cerca de 50.000 vols. de 21.000 obras	Boaventura Gonçalves Roque
1874	Cerca de 50.000 vols. de 21.000 obras	José Joaquim Ferreira Margarido
1875	Cerca de 50.000 vols. de 21.000 obras	Idem
1876	Cerca de 50.000 vols. de 21.000 obras	—
1877	Cerca de 50.000 vols. de 21.963 obras	—
1879	Cerca de 50.000 vols. de 22.681 obras	Eduardo Rodrigues Cardoso Ramalho Ortigão
1881	Cerca de 50.000 vols. de 23.853 obras	

Fonte: *Almanack Laemmert* (1850-1881)

O Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro e o seu acervo sobre ciências médicas

“É já tão avultado o número de portugueses estabelecidos por todo o Império do Brasil; e para ali afluem continuamente tantos centenares de concidadãos nossos, que a imprensa de Portugal tem a obrigação de repartir com eles o desvelo que emprega, e a solicitude que toma por todos quantos nascerão filhos desta gloriosa pátria (...) “Todas as mais relações de sociabilidade se podem estabelecer pelos jornais entre os dois povos. As publicações literárias, os trabalhos acadêmicos, os talentos que se estreiam ou primarem nas artes ou nas letras folgarão de ser reconhecidos e festejados, na imprensa de Portugal, e na do Brasil os de Portugal. Há em todo o império institutos criados para Portugueses, que são dignos de ser mais conhecidos entre nós, tais como os gabinetes de leitura do Rio de Janeiro e de Pernambuco, o hospital há pouco estabelecido na mesma cidade, e outras associações que provam a fraternidade e harmonia que existem entre aqueles nossos compatriotas, que nesta convivência suavizam as saudades da pátria (...)”.²²

O Gabinete Português de Leitura foi fundado em maio de 1837 por uma associação de emigrantes portugueses residentes na cidade do Rio de Janeiro. De

²² Transcrições. Colonização. *Correio Mercantil*, 7/7/1856, p. 2.

acordo com Schapochnik²³, o processo de formação do acervo dessa instituição se deu com base no seu caráter identitário, já que ela se organizara enquanto um espaço de salvaguarda da memória nacional. Ademais, como destaca Azevedo²⁴, o emigrado luso que aportava no Rio de Janeiro no século XIX encontrava poucos lugares para usufruir o que era editado em seu país, em função de um "francesismo" que alijara a cultura lusa dos espaços de leitura. Aspecto que certamente também deveria resultar da existência de um forte sentimento antilusitano na cidade do Rio de Janeiro, sobressaltado durante o período anterior e pós-independência do Brasil²⁵.

O fortalecimento da identidade do idioma também permearia, de acordo com Azevedo²⁶, a criação de bibliotecas associativas como o Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro. Estas bibliotecas convertiam-se em espaços de sociabilidade para os cidadãos falantes da mesma língua no Rio de Janeiro. Assim, a consolidação de um caráter identitário da cultura portuguesa na formação do acervo objetivava consolidar os ideais de manutenção de uma memória lusitana na cidade.

No acervo de ciências médicas do Gabinete, e constante no catálogo²⁷ elaborado e publicado pelo bibliotecário Ramiz Galvão²⁸ em 1906, pudemos identificar a existência de quantidade substantiva de obras nas línguas portuguesa, francesa e inglesa. Tal aspecto destoava significativamente do acervo sobre a mesma temática existente na principal biblioteca pública do Rio de Janeiro, a Biblioteca Nacional. Nesta, a existência maciça de obras na língua francesa não só reafirmava o dito "francesismo"²⁹ como refletia a proeminência da medicina francesa no Oitocentos,

²³ SCHAPOCHNIK, Nelson. *Os jardins das delícias: gabinetes literários, bibliotecas e figurações da leitura na corte imperial*. 1999. Tese (Doutorado em História). São Paulo: Universidade de São Paulo, 1999.

²⁴ AZEVEDO, Fabiano Cataldo. Contributo para traçar o perfil do público leitor do Real Gabinete Português de Leitura: 1837-1847. *Ci. Inf.*, v. 37, n.2, p 20-31, 2008.

²⁵ RIBEIRO, Gladys Sabina. *A liberdade em construção: identidade nacional e conflitos antilusitanos no Primeiro Reinado*. Tese (Doutorado em História). Campinas: Unicamp, 1997.

²⁶ AZEVEDO, Fabiano Cataldo. O acervo bibliográfico do Gabinete Português de leitura como lugar de memória e forma reconhecível: considerações acerca dessas aproximações. *Convergência Lusíada*, Rio de Janeiro, n. 25, p. 43-60, 2011.

²⁷ GALVÃO, Benjamin Franklin Ramiz Galvão (Org.). *Catálogo do Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio de Rodrigues & C., 1906.

²⁸ Benjamin Franklin Ramiz Galvão – bacharel em letras pelo colégio Pedro II, doutor em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, foi nomeado bibliotecário da Biblioteca Nacional em 1870, lente substituto da seção de ciências acessórias da Faculdade de Medicina em 1871 e lente catedrático de botânica em 1881. Em 1882 foi escolhido pelo imperador para ser aio (preceptor) dos filhos da princesa Isabel, sendo jubilado dos dois cargos. (Fonte: BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario bibliographico brasileiro*. 1º volume. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883. p. 395)

²⁹ O Brasil foi marcado, no século XIX, por uma forte influência da cultura francesa, sendo os hábitos de leitura também fortemente influenciados por esse predomínio, dada a importância conferida às ideias

principalmente relacionada ao higienismo que circulava no ambiente intelectual dos médicos cariocas³⁰.

No catálogo de 1906 – em que constam as obras adquiridas por compra ou doação desde a fundação do **Gabinete Português de Leitura** – contabilizamos 2.183 obras referentes à medicina³¹, figurando entre elas muitas edições publicadas por tipografias do Rio de Janeiro, de Lisboa e Londres, de autoria de médicos brasileiros, portugueses ou ingleses, respectivamente. Apesar da existência de significativa soma de livros na língua francesa – entre os quais foram identificados 533 títulos –, tais obras representavam somente cerca de ¼ do acervo geral sobre medicina da instituição, o que, como já destacamos, destoava do perfil do acervo de outras bibliotecas públicas, com predomínio de obras na língua francesa.

Se comparado com o acervo de ciências médicas contabilizado no *Catálogo dos livros do Gabinete*, publicado em 1858, podemos inferir que foi ao longo da segunda metade do século XIX que este acervo adquiriu a sua relevância em termos numéricos. No catálogo de 1858 foram arrolados somente 211 livros de medicina – 86 títulos em francês, 68 em português, 47 em latim, 6 em inglês e 4 em espanhol. Destes, 136 tinham sido publicados no século XIX, o que já denotaria o empenho de seus administradores em adquirir títulos atualizados que pudessem ser consultados pelos leitores do Gabinete. Tal salto quantitativo, de 211 para 2.183 obras de ciências médicas, denota o esforço dos membros do Gabinete no incremento do acervo da instituição no tocante à temática da saúde³².

Os temas dos livros, teses, memórias³³, relatórios, discursos, cartas impressas e periódicos nacionais e estrangeiros pertencentes ao acervo eram bastante diversificados, abarcando: prática médica, anatomia, fisiologia, medicina experimental, digestão, sistema linfático, fisiologia ótica, higiene, higiene popular, higiene pública, higiene militar/naval, higiene dos países quentes, climatologia, homeopatia, alimentação, águas, venenos, prostituição, história da medicina, falsificação de medicamentos, vinhos, geografia médica, terapêutica, farmácia (incluindo periódicos,

que emergiam da pena de intelectuais franceses. A intensidade com que circulavam livros franceses no Rio de Janeiro dava-se, sobretudo, através de uma ostensiva presença de tipógrafos e livreiros na cidade, desde o início do século XIX. Sobre este assunto: MOREL, Op. Cit., 2005; HALLEWELL, Op. Cit., 2005.

³⁰ GONÇALVES, Monique de Siqueira. Op. Cit., 2014.

³¹ Não são especificadas a quantidade total dos volumes.

³² *Catálogo dos livros do Gabinete*. Rio de Janeiro, 1858.

³³ Trabalho de cunho dissertativo/científico que versava sobre alguma temática do campo médico.

farmacopeias, terapêuticas, livros de história da farmácia), patologia médica, puericultura, microscopia clínica, doenças específicas (como a febre amarela, cólera, tuberculose, bronquite, gota), dermatologia, doenças venéreas, medicina operatória/cirúrgica, entozoários, oftalmologia, entre outros. Esses assuntos foram deduzidos da análise do material, visto que não havia explícita divisão em temas ou assuntos na composição do catálogo, estando elas implícitas na disposição dos títulos.

Além das obras elencadas na subclasse "**Medicina**" (pertencente à Classe VI – Ciências aplicadas), as obras relativas à fisiologia e higiene mentais, assim como as obras que versavam sobre as patologias mentais constavam, no Catálogo organizado por Ramiz Galvão, na "Classe I – Filosofia", subclasse "O espírito e o corpo", figurando ao lado de outras classificações assim denominadas: "Alucinações. Magia, Adivinhações. Ocultismo e Espiritismo", "Magnetismo animal. Hipnotismo"; "Sono. Sonhos. Sonambulismo", "Características mentais", "Temperamentos", "Fisionomia" e "Frenologia". Dentro desta Classe, ainda figuravam as seguintes subclasses: "Filosofia em geral", "Metafísica", "Questões metafísicas", "Sistemas filosóficos", "Psicologia", "Lógica", "Moral", "Filósofos antigos" e "Filósofos modernos". Eram classificadas, pois, separadamente das obras relativas às ciências médicas que constavam na Classe VI – "Ciências aplicadas. Tecnologia", que reuniam as seguintes subclasses: "Medicina", "Artes úteis", "Engenharia", "Agricultura", "Economia doméstica", "Transporte. Comércio", "Indústrias químicas", "Manufaturas", "Indústrias mecânicas. Ofícios" e "Construção".

Entre as obras classificadas como "O espírito e o corpo" constavam muitos clássicos da medicina mental como: M. Bain, *L'esprit et le corps considérés au point de vue de leurs relations*, de 1873; Louis Büchner, *Essais de Philosophie et de Science naturelle* (traduzido do alemão), de 1866; P. J. G. Cabanis, *Rapports du physique et du moral de l'homme*, de 1824; P. Flourens, *De la vie et de l'intelligence*, de 1858; P. Janet, *Le cerveau et la pensée*, de 1867; Ch. E. H. Janet, *De la vie et de son interprétation dans les différents ages de l'humanité*, de 1860; Lélut, *Physiologie de la pensée. Recherche critique des rapports du corps a l'esprit*, de 1852; Maine de Biran, *Nouvelles considérations sur les rapports du physique et du moral de l'homme* (publicada postumamente por Victor Cousin), de 1851; E. Billod, *Des maladies mentales et nerveuses. Pathologie, médecine legale, administration des asiles d'aliénés*, de 1882; M.

Bra, *Manuel des maladies mentales*, de 1883; E. Esquirol, *Des maladies mentales considérées sous les rapports médical, hygiénique et médico-légal*, de 1838; H. Maudsley, *The Physiology and pathology of mind*, de 1868; J. Moreau, *La psychologie morbide dans ses rapports avec la philosophie de l'histoire ou de l'influence des névropathies sur le dynamisme intellectuel*, de 1859; C. Ollivier, *Influence des affections organiques sur la raison ou pathologie morale*, de 1867; E. Regis, *Manuel pratique de médecine mentale*, de 1885; A. Voisin, *Leçons cliniques sur les maladies mentales et sur les maladies nerveuses professées à Salpêtrière*, de 1883; F. E. Foderé, *Traité du délire, appliqué à la médecine, à la morale et à la législation*, de 1817; G. L. Harrison, *Legislation on insanity*, de 1884; Ph. Pinel, *Traité médico-philosophique sur l'aliénation mentale*, de 1809; I. Ray, *A treatise on the medical jurisprudence of insanity*, de 1838; J. Tissot, *La folie considérée surtout dans ses rapports avec la psychologie normale*, de 1877; G. Dumas, *Les États intellectuels dans la mélancolie*, de 1895; A. B. de La Grandiere, *De la nostalgie ou mal du pays*, de 1873; A. Mairet, *De la démence mélancolique*, de 1883; Th. Ribot, *Les maladies de la mémoire*, de 1881; L. Figuier, *Histoire du merveilleux dans les temps modernes*, de 1869; L. Bordelon, *História das imaginações extravagantes de monsieur Oufle causadas pela leitura dos livros*, de 1814; A. Briere de Boismont, *Des hallucinations ou histoire raisonnée des apparitions, des visions, des songes, de l'extase, du magnétisme et du somnambulisme*, de 1852; Gougenot des Mousseaux, *Les médiateurs et les moyens de la magie, les hallucinations et les savants, le fantôme humain et le principe vital*, de 1863; F. Lélut, *L'amulette de Pascal pour servir à l'histoire des hallucinations*, de 1846; A. Maury, *Des hallucinations du mysticisme Chrétien*, s/d; F. Lélut, *Du démon de Socrate, spécimen d'une application de la science psychologique à celle de l'histoire*, de 1836;

Reunidos nesta mesma subclasse constavam os seguintes títulos: W. Scott, *Histoire de la démonologie et de la sorcellerie*, de 1835-36; Duroy de Bruignae, *Satan de la magie de nos jours – Réflexions pratiques sur le magnétisme, le spiritisme et la magie*, de 1864; Léon Denis, *O porquê da vida – solução racional do problema da existência (...)*, de 1898; Alan Kardec, *L'évangélie selon le spiritisme contenat l'explication des maximes Morales du Christ (...)*, de 1868; Alan Kardec, *O que é o Spiritismo e noções elementares do Spiritismo. Introdução ao conhecimento do mundo*

invisível pela manifestação dos espíritos (versão portuguesa), de 1893; A. S. Morin, *Du Magnétisme et des sciences occultes*, de 1890, entre outros 125 livros.

No entanto, outras obras classificadas como referentes às doenças nervosas eram relacionadas entre os livros de medicina como: J. M. Charcot, *Leçons sur les maladies du système nerveux*, de 1880; R. Grenier, *Des localisations dans les maladies nerveuses sans lésions appréciables*, de 1886; C. M. S. Sandras, *Traité pratique des maladies nerveuses*, de 1851; A. Voisin, *Leçons cliniques sur les maladies mentales et sur les maladies nerveuses*, de 1883; e A. Vulpian, *Maladies du système nerveux*, de 1879, entre outros trinta títulos. O que nos leva à compreensão de que a disposição das obras já incorporava os processos de *disputas jurisdicionais*³⁴ em curso desde o último quartel do século XIX em torno da constituição de uma medicina psiquiátrica no Brasil, que qualificava a adoção de uma perspectiva organicista em medicina mental como parte do processo de cientifização da psiquiatria. Este processo ocorria em contraposição à prática alienista constituída pelas tradições francesa e inglesa, cunhadas entre fins do XVIII e início do XIX. Tratava-se, pois, da incorporação, por Ramiz Galvão (enquanto médico), na confecção de um catálogo, da perspectiva socioprofissional demarcacionista, incorporando o resultado de uma controvérsia científica entre a medicina de tradição alienista (tida, a partir do fim da disputa, como não científica) e a medicina psiquiátrica organicista (esta sim considerada científica).

Outro aspecto interessante desse acervo, no tocante às obras classificadas na subclasse "Medicina", relaciona-se à significativa presença de manuais populares, que exerciam, segundo Betânia Figueiredo³⁵, o papel de mediadores culturais entre o conhecimento médico e o conhecimento popular. Estes manuais tinham grande tiragem, várias reedições e intensa circulação no Brasil do século XIX. Sua utilização cotidiana por pessoas com formação ou sem formação acadêmica cumpria papel essencial em uma sociedade carente de médicos em grande parte do território. Ademais, ainda estava em curso o processo de transferência dos cuidados de saúde para especialistas que, aos poucos, angariavam legitimidade social e se distinguiam dos demais praticantes ou curadores, mediante um intenso processo de busca de

³⁴ Conceito desenvolvido por Andrew Abbott (1998) para analisar o processo de disputas socioprofissionais que permearam a medicina mental no século XIX. Ver: ABBOT, Andrew. *The systems of professions. An essay on the division of expert labor*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1998.

³⁵ FIGUEIREDO, Op. Cit., 2005.

legitimação socioprofissional³⁶. Acreditamos, pois, que a grande presença de obras de divulgação/popularização científica relacionava-se também com o público-alvo privilegiado pelo Gabinete, notadamente pessoas letradas, versadas na língua portuguesa, mas não especialistas em ciências médicas.

Nessa temática, figuravam as afamadas obras de Luiz Napoleão Chernoviz, *Dicionário de Medicina Popular*³⁷ (impresso em Paris, na língua portuguesa); J. B. A. Imbert, *Manual do fazendeiro, ou tratado doméstico sobre as enfermidades dos negros* (editado no Rio de Janeiro e com edições de 1834 e 1839); e J. B. Dazille, *Observações sobre as enfermidades dos negros, suas causas, seus tratamentos e meios de prevenir* (editado em Portugal, na tipografia do Arco do Cego, em 1801). Cabe sublinhar que as referências aos dois últimos livros eram sucedidas pela observação de que essas obras não saíam da instituição. O que também indica a grande procura por esses manuais, pois somente os livros considerados raros continham tal restrição³⁸.

Identificamos também outros sete títulos de divulgação científica de autores estrangeiros (publicados em português por tipografias nacionais ou estrangeiras), a exemplo de: Cazenave, *Manual de medicina prática para uso das famílias*, Paris (1886); Levy, *Guia de higiene e saúde para facilitar os socorros em caso de acidentes ou de moléstias*, de 1900; Jean François Macé, *História de um bocadinho de pão – Cartas a uma menina acerca da vida do homem e dos animais*, s/d; Chidloe, *Homeopatia doméstica ou Instruções para qualquer pessoa poder curar homeopaticamente nos lugares onde não há médicos*, (1853); Gouré, *A homeopatia posta ao alcance de todos* (1850); Benoît Mure, *A prática elementar da homeopatia*, (1855-56); Benoît Mure, *O médico do povo* (1868).

Além desses manuais, destacamos a presença de onze títulos de autores portugueses nessa categoria de livros (dez ditados em Lisboa e um no Porto), a saber: Cardoso Klerl, *Formulário geral médico cirúrgico, ou guia prático do médico, do cirurgião e do farmacêutico* (1842); Costa Paiva, *Aforismos de medicina e cirurgia práticas* (1837); Julio Arthur Lopes Cardoso, *A medicina nos casos urgentes* (1888); Julio Arthur

³⁶ PIMENTA, Tânia Salgado. *O exercício das artes de curar no Rio de Janeiro (1828-1855)*. Tese (Doutorado em História). São Paulo: UNICAMP, 2003.

³⁷ Os títulos dos livros em língua portuguesa foram atualizados de acordo com a norma da língua portuguesa atual, mas os nomes próprios foram mantidos conforme eram escritos.

³⁸ Chegamos a essa conclusão, pois sendo o catálogo do início do século XIX tais obras não constariam entre as raras naquele momento.

Lopes Cardoso, *Manual do enfermeiro* (1889); M. R. d'Oliveira, *Medicina doméstica* (1883); Ayres B. Pinto, *Guia médico-homeopático familiar ou modo de cada uma se tratar pronta e suavemente das moléstias mais comuns* (1870); Francisco Soares da Ribera, *Cirurgia metódica e química reformada* (1721); Filipe José Rodrigues, *Dicionário homeopático portátil de sintoma* (1858); J. P. Almeida Brandão, *O livro das famílias ou instruções acerca do matrimônio e das doenças mais comuns* (1873); Antonio José de Sousa Pinto, *Medicina política ou princípios necessários tanto aos professores como úteis aos enfermos* (1822); e Manoel Joaquim Henriques de Paiva, *Curso de medicina teórica e prática, destinado para os cirurgiões que andam embarcados, ou que não estudaram nas universidades* (1792). Presença que reforça o esforço do Gabinete em constituir um acervo que fosse referência no tocante às obras de autores portugueses, haja vista que a maioria de tais títulos não constava nos catálogos de outras bibliotecas da cidade.

Outra característica marcante do acervo está relacionada à guarda de livros que versavam sobre a medicina homeopática, cujos seguidores, durante a segunda metade do século XIX, empreenderam grandes esforços na divulgação de seus princípios, ganhando notoriedade em meio à sociedade da Corte por meio da tradução e venda dos livros de Mure³⁹, entre outros. Ademais, a tradução de tais livros denota, para nós, um aspecto destacado por Figueiredo⁴⁰ de que a edição em língua portuguesa de tais obras visava tanto o reconhecimento profissional como a fortuna, dada a procura popular e a intensidade de circulação desses livros por todo o território.

A existência de representativo acervo sobre a homeopatia no Gabinete certamente se relacionava com a atuação de médicos homeopatas nesta instituição, a exemplo do primeiro bibliotecário, o Dr. José d'Almeida e Silva⁴¹. Uma influência teórica

³⁹ Benoît-Jules Mure (1809-1858) foi considerado um dos introdutores e grande incentivador da homeopatia no Brasil. Médico formado pela Faculdade de Montpellier, ele praticou a homeopatia pela Europa e veio para o Brasil em 1840. No ano seguinte, Mure tentou implantar um projeto de colonização com orientação franco-socialista no Saí (Santa Catarina), onde chegou a organizar a Escola Suplementar de Medicina e o Instituto Homeopático de Saí (1842). Fracassado seu projeto, em 1843, transferiu-se para o Rio de Janeiro, fundando o Instituto Homeopático do Brasil, do qual foi presidente até 1848, quando regressou à Europa. Fonte: Instituto Homeopático do Brasil. *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Disponível em: <<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/pdf/insthombbr.pdf>>. Acesso em: 28/12/2015.

⁴⁰ FIGUEIREDO, Op. Cit., 2005.

⁴¹ Poucas informações constam no dicionário bibliográfico redigido por Sacramento Blake sobre este personagem. Blake registrou somente que ele era um facultativo clínico de Minas Gerais, brasileiro, com nome presente no Catálogo da exposição médica brasileira de 1883 como autor do livro: *Resumo da medicina prática*, editado em 1848. (BLAKE, Op. Cit., vol. 4, p. 274)

que, apesar de rechaçada por grande parte da categoria médica pertencente à *elite médica*⁴² da Corte, angariara muitos seguidores, principalmente após a ocorrência da primeira grande epidemia de febre amarela na cidade – que se sucedera à introdução da homeopatia no Brasil –, representado pela figura do médico francês Benoît Jules Mure. Tal característica também se fazia presente na Biblioteca Nacional, refletindo o interesse por parte da categoria médica e por soma significativa da população pelas fórmulas infinitesimais homeopáticas.

Identificamos ainda outras obras não direcionadas ao público especializado em inglês, francês, italiano e espanhol, com destaque para as edições em língua inglesa, a exemplo de: G. H. Barkow, *A manual of the practice of medicine* (1856); Thomas Graham, *Modern domestic medicine* (1853); James Copland, *A dictionary of practical medicine* (1866) e Edmund A. Parkes, *A manual of practical hygiene*, entre outras⁴³. Essas obras eram provenientes de uma doação feita pelo boticário, formado em ciências em Bruxelas na década de 1860, e renomado pela sua atuação na Corte imperial, Antonio Alves Ferreira⁴⁴.

De acordo com Azevedo⁴⁵, a coleção doada por Alves Ferreira era composta por 1.400 exemplares, dos quais identificamos 298 títulos⁴⁶ classificados como "medicina"⁴⁷. Dentre esses, 134 eram em inglês (115 editados em Londres, 7 em Dublin/Edimburgo e 12 nos Estados Unidos), 125 em francês, 12 em português (5 editados no Brasil e 7 em Portugal), 6 em italiano, 1 em alemão e 1 em espanhol. Apesar de estarem presentes nesse acervo obras que versassem sobre assuntos gerais de medicina, como prática médica, anatomia, medicina experimental e higiene (entre outras), havia uma concentração de obras sobre terapêutica e/ou farmacologia, história da farmácia, falsificação de medicamentos, além de uma grande variedade de

⁴² A *elite médica* não é formada necessariamente pelos melhores médicos, mas por aqueles indivíduos que tradicionalmente concentram em suas mãos os diferentes tipos de poder profissional. Ver sobre o conceito de elite médica no artigo de Weisz. *Les transformations de l'Elite medicale em France. Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Paris, nº 74, p. 33-46, set. 1988.

⁴³ Esses nomes refletem uma pequena amostragem.

⁴⁴ VELLOSO, Verônica Pimenta. *Farmácia na Corte Imperial (1851-1887): práticas e saberes*. Tese (Doutorado em História das Ciências). Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2007.

⁴⁵ AZEVEDO, Fabiano Cataldo. A doação da biblioteca João do Rio ao Real Gabinete Português de Leitura: aspectos de uma histórica pouco conhecida. *Perspectivas em ciência da informação*, Belo Horizonte/MG, v. 15, n. 3, p. 233-249, set./dez. 2010.

⁴⁶ A quantidade de livros é maior, pois muitos títulos tinham mais de um volume e sua doação continha também coleções de jornais de farmácia com vários números. Além disso, algumas obras não foram identificadas e a contagem efetuada poder conter imprecisões, visto que foi realizada título a título.

⁴⁷ Na sua coleção constavam muitas obras que não versavam sobre medicina ou farmácia.

farmacopeias e periódicos de farmácia, denotando o caráter eminentemente prático da biblioteca montada. Essa feição pode ser confirmada pela proeminência de livros editados na década de 1860 (perfazendo 94 títulos), seguido por 53 títulos da década de 1870, 44 da década de 1850, 33 da década de 1820, 16 da década de 1880 e, por fim, 10 da década de 1830, além de outras obras com data não especificada. O que significa que não se tratava de uma biblioteca de clássicos, mas composta por títulos relacionados à sua área de especialização e atuação cotidiana. Esse dado confirma a nossa hipótese de que havia, entre a categoria médica da Corte, intensa circulação de ideias científicas provenientes dos mais diferentes centros de produção de conhecimento, que era resultante de constante esforço de atualização por parte dos intelectuais médicos. Tais leituras, realizadas por meio da aquisição de livros e periódicos, se davam, pois, no sentido de atualizá-los sobre tudo o que era produzido no além-mar, sendo tais conhecimentos apropriados e ressignificados na prática cotidiana. É, entretanto, de suma importância destacar que a significativa presença de títulos em inglês no acervo do Gabinete, em oposição ao perfil das demais bibliotecas do Rio de Janeiro do século XIX, resultava principalmente da doação de Alves Ferreira, não sendo as obras adquiridas por compra e, por isso, não se constituindo o resultado de uma "política" de aquisição de livros.

Assim, apesar de uma importante presença de obras em inglês no Gabinete, era destacada a quantidade de obras em francês, figurando autores comumente apropriados pela literatura médica nacional como: A. Bouchardat, *Le travail. Son influence sur la santé* (1863); Broussais, *Examen des doctrines médicales et des système de Nosologie* (1829-34); A. Becquerel, *Traité élémentaire d'Hygiène privée et publique* (1864); Sandras, C. M. S., *Traité pratique des maladies nerveuses* (1851); Lélut, *De la santé du peuple* (1849); Claude Bernard, *Rapport sur les progrès et la marche de la physiologie générale em France* (1867); A. Armand, *Médecine et hygiène des pays chauds et spécialement de l'Algérie et des colonies* (1853); e E. Bouchut, *Dictionnaire de Thérapeutique médicale et chirurgicale* (1867), entre muitos outros.

Os três últimos títulos compunham ainda a maior coleção doada ao gabinete no século XIX, – com um total de 5.628 volumes, de acordo com Azevedo⁴⁸ –, pelo português Francisco Manuel de Mello (que também tinha sido bibliotecário do

⁴⁸ AZEVEDO, Op. Cit., 2010.

Gabinete). Deste montante, identificamos 139 títulos⁴⁹ vinculados à categoria "medicina", entre outras obras classificadas também sob as temáticas: "psicologia", "espírito e corpo" e "metafísica e filosofia"⁵⁰. Dentre os livros que versavam sobre medicina, 77 eram escritos em francês, 58 em português (sendo 36 editados em Portugal e 19 no Brasil), 1 em alemão e 1 em latim. Apesar de os livros catalogados sob a rubrica medicina comporem a menor parte de sua doação, eles são reveladores por conformarem uma coleção de um indivíduo sem formação em medicina. Ao lado de títulos de popularização da medicina como o *Dicionário de medicina popular* (1862), de Pedro Luiz Napoleão Chernoviz, figuravam títulos sobre homeopatia, a exemplo do *Médico do povo* (1868), de Benoît Mure, além de algumas produções nacionais como a do médico Joaquim Remédios Monteiro dos Santos, *Hygiene e educação da infância* (1868). Também estavam presentes na sua coleção livros de clássicos da medicina francesa como o de Th. Ribot, *Les maladies de la mémoire* (1881); e o de J. Tissot, *La folie considérée surtout dans ses rapports avec la psychologie normale* (1877).

Na coleção de Manuel de Mello também encontramos uma grande variedade de temáticas como prática médica, higiene dos países quentes, história da medicina, histologia, higiene popular, higiene militar/naval, puericultura, saneamento e terapêutica. Havia, no entanto, uma concentração de títulos sobre homeopatia, fisiologia e doenças venéreas. De forma geral, os títulos vinculavam-se às principais moléstias e problemáticas de saúde enfrentadas pelos habitantes do Brasil, evidenciando que os livros também possibilitavam, àqueles não formados em medicina, a aquisição de conhecimento sobre aquilo que era produzido sobre essa especialidade. Seus títulos também eram atualizados, sendo, majoritariamente, editados na década de 1860 (com um total de 74 livros), sucedidos por 25 da década de 1850, 16 da década de 1870, 5 de 1830, 3 de 1880, 3 de 1840, 1 de 1820, além de outros com data não identificada e uma edição rara de 1237, de autoria de J. de Vigo, sobre cirurgia.

Analisando, entretanto, o acervo de medicina adquirido por compra ou doação pelo Gabinete, de 1837 a 1906, nota-se um grande esforço na compilação de obras em língua portuguesa (originais ou versadas), pois elas compunham a sua grande maioria, contabilizando 1.263 títulos (dos quais 1.088 tinham sido editadas no Brasil, 173 em Portugal e 2 em Goa). Os autores lusos estavam presentes em maior quantidade neste

⁴⁹ Como no caso da coleção tratada anteriormente, tal cifra não representa o total de volumes.

⁵⁰ Não se realizou o levantamento da coleção inteira.

acervo do que em qualquer outro acervo de bibliotecas públicas da cidade –, a exemplo dos livros de Julio Arthur Lopes Cardoso, *A medicina nos casos urgentes* (1888) e o *Manual do enfermeiro* (1889). Além dos livros de autoria de portugueses, havia também jornais de ciência médica impressos em Lisboa, como o *Jornal de Sciencias Medicas de Lisboa* (1835-64) ou ainda *A Medicina Moderna* (1899-1905), editado no Porto. Essas constatações corroboram a perspectiva defendida por Schapochnik⁵¹ e Azevedo de que tal acervo seria constitutivo de um esforço de consolidação de uma memória lusitana na ex-colônia portuguesa.

Observamos, no tocante aos livros editados em Portugal, que havia proeminência de livros de popularização em medicina, como o de M. R. d'Oliveira, *Medicina doméstica* (1883); o de Ayres B. Pinto, *Guia médico-homeopático familiar ou modo de cada uma se tratar prompta e suavemente das moléstias mais comuns* (1870); ou ainda o de Filipe José Rodrigues, *Diccionario homeopático portátil de symptomas* (1858). Estas obras figuravam ao lado de traduções como a de Hufeland, *Arte de prolongar a vida humana ou moderno tratado d'Hygiene* (1825) e de Guilherme Buchan, *Medicina domestica, ou tratado completo de conservar a saúde, e de curar, e precaver as enfermidades* (1788-1803).

O Gabinete também tinha sob a sua guarda substantiva soma de teses defendidas em instituições de ciências de Lisboa como a *Dissertação sobre o novo systema do contraestímulo* (1816), de autoria de Antonio José de Sousa Pinto, assim como de teses apresentadas por doutorandos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia (essas em grande quantidade). Observa-se também a presença relevante de obras de medicina impressas por editores nacionais, constituindo-se versões de livros editados originalmente em línguas diversas, a exemplo do famoso *Dicionário de medicina popular*, de autoria de Chernoviz (3ª edição, editado em 1862), e do livro de Benoît Mure, *O médico do povo*, traduzido por Joaquim José da Silva Pinto, revisto pelo Dr. A de Castro Lopes e impresso pela tipografia de A de Castro Melo, no Rio de Janeiro, em 1868.

Por outro lado, identificamos neste acervo a presença de clássicos, como o livro de Hipócrates, e de outras edições de autores portugueses dos séculos XVII e XVIII (na

⁵¹ SCHAPOCHNIK, Nelson. Contextos de leitura no Rio de Janeiro do século XIX: salões, gabinetes literários e bibliotecas. In: BRESCIANE, S. (Org.). *Imagens da cidade séculos XIX e XX*. São Paulo, Marco Zero/ANPUH/FAPESP, 1994. p. 147-162.

sua maioria), além de muitos livros escritos na língua latina de procedências diversas, como o de autoria de Leopoldo Marc Antonio Caldani, *Institutiones physiologicae et pathologicae*, datado de 1784, ou ainda o de Caspari Hofmannus, intitulado *Institutionum*, de 1645.

No entanto, apesar de notarmos expressiva presença de clássicos, a grande maioria das obras resguardadas pelo Gabinete Português de Leitura, na área das ciências médicas, tinha sido editada no século XIX, principalmente na segunda metade do século. Tal aspecto denota o esforço perpetrado pelos dirigentes da instituição no sentido de construir um acervo atualizado que pudesse ser consultado pelos seus associados e que, sobretudo, incentivasse as associações, já que estas eram pagas.

No quadro de dirigentes do Gabinete pode estar a explicação para a existência deste rico e atualizado acervo de livros e periódicos de medicina, visto que não raro médicos atuavam como bibliotecários ou mesmo diretores da instituição, como se pode verificar na Tabela 1, anteriormente apresentada. Cabendo ainda ressaltar que o acervo referente à medicina perfazia cerca de 8% do acervo do Gabinete, o que denota a importância dessa área do conhecimento para a instituição. As cifras apresentadas na tabela referenciada também evidenciam o grande esforço realizado pelos seus representantes no incremento constante do acervo que, se inicialmente objetivara ser o representante da cultura lusitana na cidade, no fim do século XIX, se constituíra como uma das principais bibliotecas da capital, sobretudo pela variedade de títulos e autores disponíveis nas estantes da suntuosa sede inaugurada em 1887, na Rua Luís de Camões, em estilo manuelino, no coração da cidade, outrora sede do império luso-brasileiro.

Data de recebimento do artigo: 22/01/2016

Data de aprovação do artigo: 10/05/2016

Bibliografia

ABBOT, Andrew. *The systems of professions. An essay on the division of expert labor.* Chicago and London: The University of Chicago Press, 1998.

- AZEVEDO, Fabiano Cataldo. A doação da biblioteca João do Rio ao Real Gabinete Português de Leitura: aspectos de uma histórica pouco conhecida. *Perspectivas em ciência da informação*, v. 15, n. 3, p. 233-249, set./dez. 2010.
- _____. Contributo para traçar o perfil do público leitor do Real Gabinete Português de Leitura: 1837-1847. *Ci. Inf.*, v. 37, n.2, p 20-31, 2008.
- _____. O acervo bibliográfico do Gabinete Português de leitura como lugar de memória e forma reconhecível: considerações acerca dessas aproximações. *Convergência Lusíada*, n. 25, p. 43-60, 2011.
- BETTIOL, Maria Regina Barcelos. A fundação da Biblioteca Nacional: uma memória compartilhada entre dois mundos. *Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*. Available at: <<http://www.ihgrgs.org.br/artigos/contibuiacoes/Maria%20R.%20B.%20Bettiol%20-%20A%20Funda%C3%A7%C3%A3o%20da%20Biblioteca%20Nacional.pdf>>.
Accessed in: 12/15/2016.
- BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario bibliographico brasileiro*. 1º volume. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883.
- BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (Orgs.). *Impresso no Brasil*. São Paulo: Ed. Unesp, 2010
- DANTES, Maria Amélia Marcarenhas. Fases da implantação da ciência no Brasil. *Quiipu*, México, v. 5, n. 2, p. 265-275, 1988;
- DENIPOTI, Cláudio. Normas e gestualidades da leitura em bibliotecas brasileiras do século XIX. *Cultura – Revista de História e Teoria das Ideias*, vol. 25, 2008.
- DOMINGUES, Heloísa Maria Bertol. O Jardim Botânico do Rio de Janeiro. In: DANTES, Maria Amélia Mascarenhas. *Espaços da Ciência no Brasil. 1800-1930*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2001, p. 27-56.
- EL FAR, Alessandra. Ao gosto do povo: as edições baratíssimas de finais do século XIX. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (Orgs.). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora Unesp, 2010, p. 89-99.
- _____. *Páginas de sensação*. Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924). São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

- FERREIRA, Luiz Antonio; FONSECA, Maria Rachel Fróes da; EDLER, Flavio Coelho. A Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no Século XIX: a organização institucional e os modelos de ensino. In: DANTES, Maria Amélia Mascarenhas (org.). *Espaços da ciência no Brasil. 1800-1930*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2001, p. 59 - 79.
- FERREIRA, Tania Maria Tavares Bessone da Cruz. As bibliotecas públicas cariocas no século XIX. In: INTERCOM, 2011. Available at: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP4FERREIRA.pdf>. Accessed in: 6/20/2013.
- _____. O que liam os cariocas no século XIX? In: *XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 2005. Available at: <http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/17536/1/R2053-1.pdf>. Accessed in: 6/2/2011.
- _____. *Palácios de destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro (1870-1920)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.
- FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. Os manuais de medicina e a circulação do saber no século XIX no Brasil: mediação entre o saber acadêmico e o saber popular. *Educar*, Curitiba, n. 25, 2005, p. 59 - 73.
- GALVÃO, Benjamin Franklin Ramiz Galvão (Org.). *Catálogo do Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio de Rodrigues & C., 1906.
- GONÇALVES, Monique de Siqueira. Livros de ciência médica na Biblioteca Nacional: o acervo sobre as doenças nervosas (1860-1880). *História Unisinos*, 18, 1, p. 146 - 157, 2014.
- _____. Livros, teses e periódicos médicos na construção do conhecimento médico sobre as doenças nervosas na Corte Imperial (1850-1880). In: FERREIRA, Tania B. C.; RIBEIRO, Gladys S.; GONÇALVES, Monique de S. (Orgs.). *O Oitocentos entre livros, livreiros, impressos missivas e bibliotecas*. São Paulo: Alameda, p. 59 - 87, 2013.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: Edusp, 2005.
- MOREL, Marco. *As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na cidade imperial (1820-1840)*. São Paulo: Hucitec, 2005.

- PIMENTA, Tânia Salgado. *O exercício das artes de curar no Rio de Janeiro (1828-1855)*. Tese (Doutorado em História). São Paulo: UNICAMP, 2003.
- RIBEIRO, Gladys Sabina. *A liberdade em construção: identidade nacional e conflitos antilusitanos no Primeiro Reinado*. Tese (Doutorado em História). Campinas: Unicamp, 1997.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- SCHAPOCHNIK, Nelson. Contextos de leitura no Rio de Janeiro do século XIX: salões, gabinetes literários e bibliotecas. In: BRESCIANE, S. (org.). *Imagens da cidade, séculos XIX e XX*. São Paulo, Marco Zero/ANPUH/FAPESP, 1994, p. 147 - 162.
- _____. *Os jardins das delícias: gabinetes literários, bibliotecas e figurações da leitura na corte imperial*. Tese (Doutorado em História). São Paulo: Universidade de São Paulo, 1999.
- SOARES, Maria Angélica Lau Pereira. *Visão da modernidade. A presença britânica no Gabinete de leitura (1837-1838)*. Dissertação (Mestrado em Estudos linguísticos e literários em inglês). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.
- WEISZ, George. Les transformations de l'Elite medicale em France. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, nº 74, sept. 1988, p. 33-46.
- VELLOSO, Verônica Pimenta. *Farmácia na Corte Imperial (1851-1887): práticas e saberes*. Tese (Doutorado em História das Ciências). Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2007.